

Editorial

Os trabalhos que constituem esse número da revista tateiam um espaço de contradição entre o desejável e o (im)possível no espaço da biblioteca escolar em relação às práticas de leitura.

Sabemos que um dos pontos produtivos da biblioteca escolar é o trabalho com os desafios, dilemas e enfrentamentos de um acervo com seus sujeitos leitores, sejam eles bibliotecários, professores, alunos ou funcionários no ambiente escolar. Constituindo-se como um ambiente em permanente construção, movimentado pelos sujeitos que ali inscrevem seus questionamentos e demandas, e estruturado de modo a favorecer a pesquisa escolar, a biblioteca escolar tem como norte o fomento à leitura e a convivência com o campo das linguagens, não apenas verbal, mas também audiovisual. O gesto de adentrar nesse espaço sinaliza uma abertura de janelas e de portas para o contato com a voz de diferentes autores e de inesperados mundos. Isso nos apontam os primeiros textos desse número.

Se de um lado temos esse conjunto de objetivos nobres que coloca a biblioteca escolar em destaque na formação de toda a comunidade escolar, de outro temos a recusa de alunos em adentrar esse universo. Marcamos alunos, porque muitos professores, gestores e funcionários nem ao menos acham necessário frequentar o espaço da biblioteca escolar, o que é um absurdo, diga-se de passagem. Pois o relato de experiência mostra exatamente o quanto é difícil e tortuoso para os sujeitos escolares investirem atenção, interesse e desejo em um local que interdita a fala, impede o acesso físico ao acervo, funciona em horários indesejáveis e, muitas vezes, não disponibiliza um profissional com formação especializada para ocupar a função de bibliotecário.

Os conflitos não são poucos, os problemas e confrontos entre posições também não são. Cabe aqui reafirmar nossa posição: para qualquer avanço significativo na vida escolar e para estimular a formação de professores e alunos, é necessário que bibliotecas sejam vivas no centro das escolas, que elas estejam em funcionamento com acervos ricos, espaços convidativos, profissionais comprometidos e criativos e, sobretudo, uma política de valorização da leitura.

Lucília Maria Abrahão de Sousa e Cláudio Marcondes de Castro Filho
Editores